



**Março
2026**

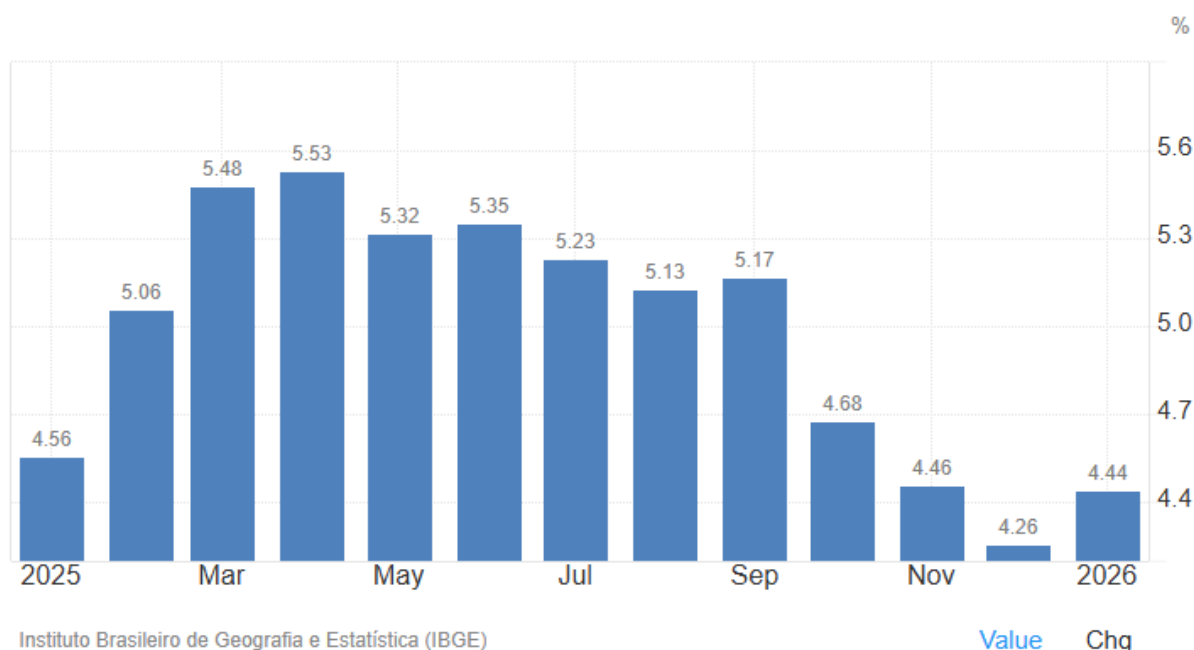
Alexandre Colombo
Curadoria ESG

1. Cenário Nacional e Fiscal Brasileiro

Política Monetária Brasileira: O Espaço para a Selic

O primeiro trimestre de 2026 consolida um cenário de arrefecimento da inflação, ancorado especialmente pela valorização do real frente ao dólar, que recuou para patamares próximos a **R\$ 5,20**. Este movimento cambial reduziu a pressão sobre os preços administrados e insumos importados, oferecendo ao Banco Central o suporte necessário para dar início ao ciclo de redução da taxa Selic. A tese central para este período é a de que o Brasil entra em um estágio de 'normalização' de juros, o que tende a destravar o valor das empresas brasileiras que precisam de **capital emprestado ou grandes investimentos em infraestrutura** para funcionar e crescer, que veem sofrendo com o do peso do crédito restritivo e caro nos últimos anos.

A meta estabelecida pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) é de 3%, 1,5 ponto percentual para cima ou para baixo, o que significa que o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) é considerado dentro da meta se ficar entre 1,5% e 4,5% ao ano, ou seja com um IPCA de 4,44%, em 10/02/2026, se mantém dentro da meta, desde novembro de 2025.



2. O Pragmatismo da Inteligência Artificial: CAPEX vs. ROI

Tendo em vista que a Inteligência Artificial se consolidou como uma das tecnologias disruptivas desse século, isso é fato! Entretanto após o frenesi dos anos anteriores, o mercado de tecnologia chega ao início de 2026 com um tom de maior sobriedade em relação à Inteligência Artificial. O foco dos investidores deslocou-se da promessa de produtividade para a realidade do **Capex (investimento em capital)** astronômico das *Big Techs*. Com trilhões de dólares alocados em infraestrutura de processamento, o 1T26 marca o início de uma cobrança rigorosa por Retorno sobre o Investimento (ROI) nas linhas de receita. A dúvida que paira no ar é se a monetização da IA conseguirá escalar na mesma velocidade em que os custos fixos de manutenção desses ecossistemas crescem, além do medo dos chips tornem-se obsoletos antes mesmo de se pagarem, exigindo um novo ciclo de bilhões em 2027

A magnitude do desafio financeiro torna-se evidente ao analisarmos o **CAPEX (Investimento em Capital)** das cinco gigantes que lideram a corrida tecnológica. Em 2025, o investimento agregado em infraestrutura de IA (Data Centers e Chips) atingiu a cifra histórica de aproximadamente **US\$ 215 bilhões**.

Empresa	CAPEX 2025 (Investimento)	Crescimento de Receita (Setor Focado)	Status do ROI (Retorno)
Microsoft	US\$ 55 Bilhões	22% (Azure/Nuvem)	Eficiente: Conversão direta em Cloud.
Alphabet (Google)	US\$ 50 Bilhões	<i>Crescimento Marginal</i>	Desafiador: IA ainda não turbinou anúncios.
Meta (Facebook)	US\$ 42 Bilhões	<i>Crescimento Marginal</i>	Baixo: IA focada em engajamento, não em vendas.
Amazon	US\$ 40 Bilhões	19% (AWS)	Eficiente: Alta demanda por infraestrutura.
Apple	US\$ 28 Bilhões	7% (Serviços)	Lento: Ciclo de maturação de hardware.
TOTAL AGREGADO	US\$ 215 Bilhões	Média: 14,5%	Alerta: Investimento > Crescimento.

A tabela acima revela o 'gap' tecnológico de 2025: enquanto empresas de infraestrutura (*Microsoft e Amazon*) já colhem frutos do aluguel de processamento, as empresas de plataforma (Meta e Google) e hardware (Apple) ainda lutam para transpor o alto custo do CAPEX em lucro líquido adicional. Para o 1T2026, a seletividade será ditada pela capacidade de cada *player* em converter esses bilhões investidos em margem operacional real.

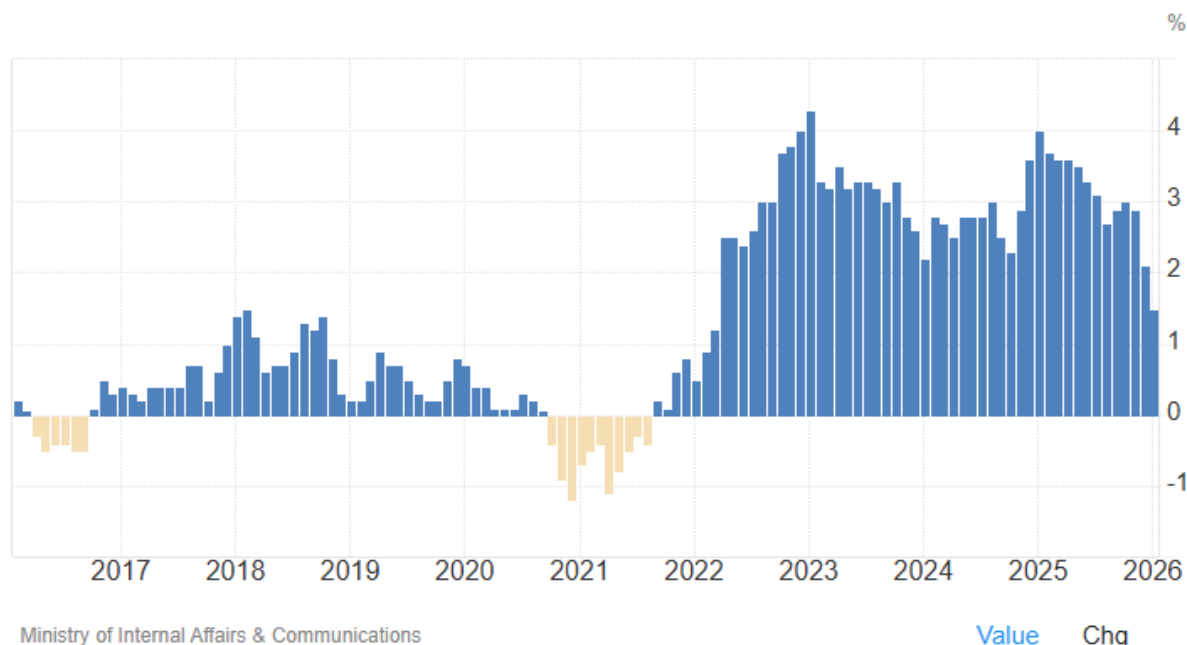
3. O "Novo Normal" no Japão: A Resiliência do Spread Bancário

A tese de investimento no Japão permanece resiliente, (relatório de fevereiro) apesar da volatilidade global. A saída definitiva da era dos juros negativos permitiu que o sistema bancário japonês, liderado por instituições como o **MUFG**, voltasse a operar com margens financeiras (spreads) que não eram vistas há décadas. Enquanto o mundo ocidental discute o fim do ciclo de alta, o Japão testa sua capacidade de sustentar taxas positivas sem comprometer o consumo doméstico. Para o investidor de valor, o diferencial aqui não é apenas o juro, mas a solidez de um mercado que aprendeu a operar na escassez e agora se redescobre com um custo de capital real.

A normalização dos juros representa, acima de tudo, um alívio fundamental para a sociedade japonesa. Em um país onde 30% da população é idosa, a era das taxas negativas castigava severamente os poupadores, cujas reservas para a aposentadoria eram corroídas pela inflação sem qualquer rendimento compensatório.

O retorno dos juros reais devolve a segurança financeira a milhões de cidadãos, convertendo depósitos estagnados em fonte de renda e injetando confiança no consumo doméstico. Paralelamente, essa mudança ataca o custo de vida na ponta final: ao atrair capital e fortalecer o lene, o Japão reduz o preço de itens essenciais — de energia a alimentos — que são majoritariamente importados. Assim, o fortalecimento da moeda e o rendimento das economias atuam em conjunto para elevar o poder de compra das famílias, estabilizando a economia real sob bases muito mais sólidas.

Taxa de Inflação no Japão



4. A Nova Rota da Seda Interna: O Consumidor Chinês

O início de 2026 revela uma China decidida a inverter seu motor de crescimento da exportação para o consumo interno. Os pacotes de estímulo agressivos lançados no final de 2025 começam a transbordar para os dados de consumo das famílias, beneficiando diretamente as campeãs nacionais chinesas. Observamos um movimento de 'substituição de importados', onde empresas locais ganham *market share* em setores antes dominados por marcas ocidentais. Este fenômeno sugere que a tese de investimento na China hoje passa obrigatoriamente pela compreensão da força das marcas domésticas e da nova classe média chinesa, menos dependente do cenário imobiliário.

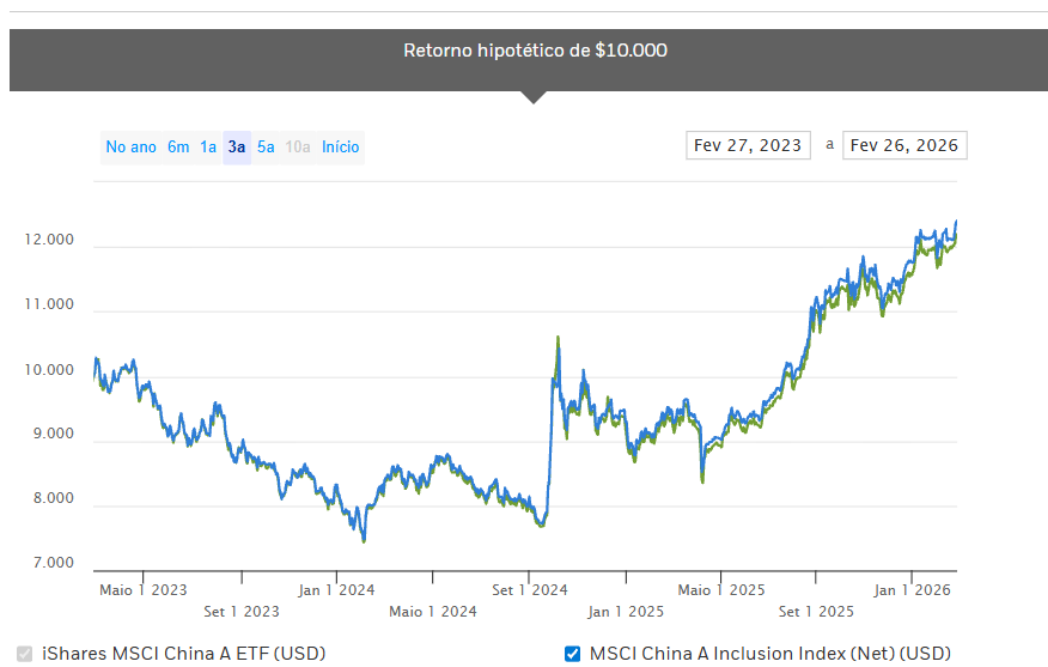
Este fortalecimento do mercado interno é catalisado pelo movimento **Guochao** ("onda nacional", é um movimento cultural e de moda na China, surgido por volta de 2018, que combina o estilo moderno e contemporâneo com elementos tradicionais, símbolos históricos e a estética chinesa. Impulsionado principalmente pela Geração Z, o movimento valoriza marcas locais, celebrando o orgulho cultural e a identidade chinesa.), que reflete uma mudança estrutural na psicologia do consumidor: a

preferência por marcas nacionais que entregam tecnologia de ponta com maior aderência cultural. No setor automotivo, por exemplo, as fabricantes chinesas de veículos elétricos já detêm mais de **60% do mercado doméstico**, desafiando a hegemonia de montadoras europeias e americanas que, por décadas, dominaram as metrópoles do país.

O mesmo fenômeno é observado nos setores de eletrônicos e vestuário premium, onde gigantes locais utilizam sua agilidade logística e integração com ecossistemas digitais (como WeChat e Douyin) para superar competidores ocidentais. Com a estabilização do setor imobiliário e a consequente liberação da poupança precaucional das famílias (incertezas sobre o futuro econômico), o fluxo de capital antes represado começa a alimentar um ciclo de lucros robustos para as empresas nacionais, tornando o *equity* (patrimônio líquido) chinês focado em consumo uma das teses mais assimétricas — e menos compreendidas — deste trimestre.

Crescimento hipotético de 10.000

✕



O gráfico acima mostra o crescimento hipotético de \$10.000 dólares no índice **iShares MSCI China A ETF**, um fundo de índice (ETF) emitido pela **BlackRock** que busca rastrear o desempenho de empresas de grande e médio porte da China.

5. Agronegócio e Eficiência: O Cruzamento entre Câmbio, Tecnologia e ESG

No cenário atual do 1T2026, a valorização do Real para **R\$ 5,23** atua como um divisor de águas para o agronegócio brasileiro, criando um ambiente de "seleção natural" via eficiência operacional. Enquanto o descasamento cambial pressiona a receita nominal da safra atual, ele abre uma janela estratégica para a renovação tecnológica. Com o poder de compra fortalecido, o produtor tende a acelerar a migração para frotas de alta performance, beneficiando não apenas gigantes globais como a **John Deere**, mas também players nacionais como a **Tupy (TUPY3)** — fornecedora essencial de componentes estruturais para o setor. Este movimento de modernização é sustentado por um custo de capital mais palatável, reflexo da queda da Selic discutida anteriormente.

A grande oportunidade, contudo, reside na convergência entre a renovação de ativos e as métricas **ESG (Environmental, Social, and Governance)**. Empresas listadas no **Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE B3)**, como a **Suzano (SUZB3)** e a **São Martinho (SMT03)**, destacam-se como grandes beneficiárias. Para essas companhias, a aquisição de maquinário mais eficiente não é apenas uma decisão financeira, mas um imperativo ambiental para a redução da pegada de carbono e otimização do uso de recursos hídricos e defensivos. A queda do dólar, ao baratear tecnologias de agricultura de precisão, permite que essas empresas acelerem suas metas de sustentabilidade com menor impacto no Capex, consolidando o Brasil como o "celeiro verde" do mundo e atraindo fluxos de capital internacional que priorizam ativos regenerativos.

Em suma, o primeiro trimestre de 2026 encerra-se com uma mensagem clara: a resiliência patrimonial não virá mais apenas do preço das commodities, mas da capacidade de gestão financeira e da adoção de práticas sustentáveis. O investidor que busca valor neste cenário deve olhar para além do campo, focando em empresas que utilizam este momento de câmbio favorável para blindar suas operações contra riscos climáticos e fiscais. A integração entre a rentabilidade do agronegócio e a agenda ESG deixa de ser um diferencial ético para se tornar o principal pilar de perenidade e atratividade no mercado de capitais brasileiro e global.

O que fica no ar para o início de 2026 é:

1. Até que ponto o Banco Central brasileiro manterá o ritmo de cortes da Selic caso o cenário fiscal nos EUA force uma reprecificação global dos juros?
2. O "Show me the Money" da IA será suficiente para justificar o Capex bilionário das Big Techs, ou entraremos em um inverno de investimentos no setor?
3. No agronegócio, a redução de CAPEX de gigantes como Suzano e São Martinho sinaliza uma maturidade operacional estratégica ou uma postura defensiva excessiva diante da volatilidade das commodities?
4. Com o real valorizado a R\$ 5,23, o mercado ESG brasileiro conseguirá converter essa janela de custos menores em um salto real de eficiência tecnológica, ou o foco se manterá apenas na desalavancagem financeira?

Isso só o tempo irá nos dizer.

Bons negócios

Alexandre Colombo
Curador de investimento ESG

Aviso Legal

As informações disponibilizadas nesse estudo não configuram um relatório de análise ou qualquer tipo de recomendação e foram obtidas a partir de fontes públicas como a CVM, B3 e Órgãos Oficiais Brasileiros. Rentabilidade passada não representa garantia de resultados futuros e apesar do cuidado na coleta e manuseio das informações, elas não foram conferidas individualmente. As informações são enviadas pelos próprios gestores aos órgãos reguladores e pode haver divergências pontuais e atraso em determinadas atualizações. Não há garantia da exatidão, atualização, precisão, adequação, integridade ou veracidade, tampouco se responsabilizam pela publicação accidental de dados incorretos.

É proibida a reprodução total ou parcial de textos, fotos, ilustrações ou qualquer outro conteúdo deste site por qualquer meio sem a prévia autorização de seu autor/criador ou do administrador, conforme LEI Nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

“Lembre-se da sua humanidade, e esqueça o resto”
“Remember your humanity, and forget the rest”

Manifesto Russell-Einstein